

BOB DYLAN

A velhice exige cuidados próprios que tomam muito tempo e reduzem a disponibilidade das pessoas nessa idade. Eu tenho de lidar com os meus oitenta e cinco anos e os de minha mulher. E, ainda mais, eu descobri a bem-aventurança da meditação e da oração, e o tempo para o mundo ficou bem menor.

Quero com isso justificar que não tenho mais o tempo que tinha para dar atenção à música chamada popular, que sempre foi uma das minhas devoções. Ainda ouço a “clássica”, por gosto meu e preferência de minha mulher.

Entretanto, desde que vi e escutei Eduardo Suplicy, anos atrás, cantando na tribuna do Senado “the answer is blowing in the wind”, tornei-me um verdadeiro admirador da poesia de Bob Dylan. Busquei outras canções dele e este encanto só cresceu à medida em que eu mais conhecia o compositor. Não sei dizer, como avaliar, se Bob Dylan tem mais beleza e poesia do que os nossos Chico e Caetano: obras de arte não se comparam. Sei apenas que, para receber o Prêmio Nobel, inovando tanto os critérios da conservadora Academia Sueca, só podia ser um americano.

Achei admirável, muito positiva, mesmo, esta inovação. Aplaudi convicto, e penso que ela abre caminhos para uma renovação de critérios que só vai valorizar o Prêmio Nobel. Pode até amortecer velhos preconceitos do Primeiro Mundo contra o Brasil. (Oh, que lembrança nítida eu tenho da expressão de horror de Ted Kennedy quando viu as mulatas seminuas rebolando na escola de samba que Brizola convocou para o jantar que lhe ofereceu.)

Tenho dito e repito que Celso Furtado não foi premiado por causa deste preconceito, que existia e ainda existe. Machado de Assis era o melhor romancista do mundo no início do século XX, quando o prêmio começou a ser concedido; entende-se: naquele tempo o mundo da cultura compreendia somente a Europa. O primeiro americano, Sinclair Lewis, só ganhou o Prêmio em 1930. Mas nos anos finais do século e iniciais do XXI o Brasil era bem conhecido e observado; só que com o viés do país do carnaval e do futebol; não poderia merecer um Prêmio Nobel; nem se fosse para um professor da Sorbonne, de Oxford e de Harvard, que escrevia livros cada vez mais esclarecedores e mundialmente prestigiados sobre os temas do desenvolvimento e da cultura. Puro preconceito; não tanto o conservadorismo da Academia, já que Amartya Sen, nada conservador, aparentado nas idéias com Furtado, recebeu o Prêmio nos anos noventa. Preconceito mesmo.

Junto ao preconceito que De Gaulle expressou claramente ao dizer que o Brasil “n’est pas un pays sérieux”, registre-se, também, o evidente desconhecimento-desprezo do primeiro mundo pela língua portuguesa, a ponto de Portugal, uma nação que descobriu a Terra, e sempre fez excelente literatura, só vir a receber um prêmio Nobel com José Saramago em 1998, quase 100 anos depois de instituído, durante os quais nossa língua teve um dos maiores poetas de todos os tempos que foi Fernando Pessoa, ignorado pela Academia.

CORREIO SATURNINO

Artigo nº 408/2016

Dylan, ao que parece, consoante o seu comportamento, está esnobando o Prêmio. Não creio que lhe falte a compreensão do significado especial desta decisão inovadora da Academia, ultrapassando preconceitos de mais de cem anos. Acho mais que ele quer confirmar sua filosofia perante a vida e o poder tradicional. No que tem que ser compreendido e, a meu juízo, aplaudido.

P.S. Sempre tive o costume de abrir o meu voto aos amigos. Assim é que digo que vou votar no Freixo porque acho muito perigoso o projeto político de poder da Igreja Universal.

Roberto Saturnino Braga

rsaturninobraga@gmail.com
www.saturninobraga.com.br